

## COMENTÁRIO BÍBLICO

### 5º Domingo depois da Páscoa – Ano A

17maio2020

Atos 17,22-31; Salmo 66,7-19; 1 Pedro 3,13-22

S. João 14,15-21

<sup>15</sup>«Se me amarem hão-de cumprir os meus mandamentos, <sup>16</sup>e eu pedirei ao Pai para vos enviar um outro Defensor que esteja sempre convosco. <sup>17</sup>O Espírito de verdade que o mundo não pode receber, porque não o vê nem o conhece. Ele está convosco e habitará em vós, por isso o conhecem.

<sup>18</sup>Não vos hei-de deixar órfãos pois voltarei para junto de vós. <sup>19</sup>Dentro em pouco o mundo não me verá mais. Mas vocês hão-de ver-me, porque da vida que eu vivo hão-de viver também. <sup>20</sup>Naquele dia saberão que eu estou no meu Pai, vós em mim e eu em vós. <sup>21</sup>Aquele que conhece os meus mandamentos e os segue, esse é que me tem verdadeiro amor. E aquele que me ama é também amado por meu Pai; eu amá-lo-ei também e dar-me-ei a conhecer a ele inteiramente.»

1. A leitura de Atos 17, 22-31 – em vez do Antigo Testamento – dá-nos conta do discurso anti idólatrico do Apóstolo Paulo no Areópago de Atenas. Para além dos numerosos deuses a quem prestavam culto, os atenienses dedicaram um altar “ao deus desconhecido” para apaziguar o possível ressentimento de alguma divindade cuja existência ignorassem. Paulo, a partir dessa ignorância assumida pelos atenienses, dá a conhecer o Deus em quem “vivemos, nos movemos e existimos”(vº 28).

A relação entre o homem e a divindade é parte da história humana desde os tempos mais recônditos. A procura da explicação para o que ao ser humano era incompreensível e, bem assim, a vontade de livrar-se de tudo o que pusesse em causa a sua sobrevivência, levou-o através dos tempos a endeusar ‘coisas’ e ‘pessoas’. Percebe-se, portanto, o temor e a preocupação dos atenienses para com um qualquer deus que desconhecêssem. Até Isaías muito anos antes (século VIII a.C.) referia-se ao Deus de Israel dizendo: “tu és um Deus que se esconde” (Isaías 45, 15). Ora, a grandeza do Deus em quem confiamos não está na distância que mantém para nós ou no poder da sua natureza divina, está, isso sim, na sua proximidade conosco em Jesus Cristo, porque “eu estou no Pai e o Pai em mim.” (S João 14,11). Nós temos a ventura de ter Deus bem perto ao aceitarmos Jesus como seu Filho e nosso Senhor e Salvador. Mas nesta ventura devemos assumir, á maneira de cada um, apresentar e comunicar o evangelho, narrando com as nossas vidas o autêntico rosto de Deus para que a Palavra de Vida continue a sua corrida na história e no mundo.

2. O Evangelho de hoje começa com uma afirmação de Jesus: «Se me amarem hão-de cumprir os meus mandamentos». A existência cristã inicia-se com Jesus, numa relação de amor que nos possibilita ser cristãos. É Ele que nos mostra o que é ser cristão e nos dá força para sê-lo, para cumprirmos os seus mandamentos. Mas, tal não é tarefa fácil. Até nos deixou um aviso: “Se alguém quer vir após mim, negue-se a si mesmo, tome a sua cruz e siga-me” (S Mateus 16,24). Declaramos, entoamos, recitamos, murmuramos todo o nosso amor a Jesus... mas, depressa desfazemos o nosso intento, por esquecimento ou inconsciência, nos desequilíbrios a que a

realidade nos sujeita. Uma é ambiência da nossa condição de cristãos, embalados na pertença a uma comunidade de fé, outra é a nossa mundividência quotidiana, rodízio de circunstâncias que, quer queiramos ou não, nos moldam e que nos ‘determinam’ a viver com o que somos, o que nos cerca e com o outro. É aí, na complementaridade destas duas condições humanas, que se encontra a explicação para o *“nega-te a ti mesmo”* e o *“toma a tua cruz”* como condições primordiais para *“seguir”* Jesus. É interessante, Jesus não diz que Lhe devemos ‘obedecer’. Refere que nos neguemos a nós próprios, porque sabe que o nosso ‘eu’ é, nas mais das vezes, o maior obstáculo a nossa relação com Ele, aberta e conseqüente. Diz-nos também que tomemos a nossa cruz, tudo o que nos dói, apoquentada e faz sofrer, a lembrança sempre presente da nossa fragilidade que nos ajuda a desejar a Sua presença como modo de estar na vida. Amar Jesus é deixar-se tomar por Ele, como motor da nossa existência, no que respeita à relação connosco próprios, ao nosso processo de tomada de decisões, ao nosso modo de olhar e conviver com o ‘outro’. E nisto Jesus está aí com toda amizade e compaixão: *“aquele que me ama é também amado por meu Pai; eu amá-lo-ei também e dar-me-ei a conhecer a ele inteiramente”*.

3. Ao despedir-se dos discípulos, Jesus não quer que eles se sintam órfãos, abandonados e desamparados: *“Não vos hei-de deixar órfãos”*. E promete: *“eu pedirei ao Pai para vos enviar um outro Defensor que esteja sempre convosco”*. Para dizer ‘Defensor’ o texto grego usa o termo *“parakléto”* que significa “chamado” (por alguém para algo), ou seja, chamado para defender os discípulos. Portanto, pode-se interpretar o ‘Defensor’, no evangelho de João, como o ‘Advogado’ dos seguidores de Jesus, aliás, como o fizeram Tertuliano, St. Agostinho, Cipriano (José Maria Castillo – ‘A religión de Jesús’). Ora, Jesus está a dizer-nos que, como seus seguidores, vamos precisar de um ‘Advogado’ que nos defenda, pois, nessa qualidade, viveremos situações de conflito e necessitaremos de ajuda constante.

Há medida que nos vamos apercebendo da situação em que estamos pela decorrência da pandemia apodera-se de nós um sentimento de orfandade, que nem as perspetivas científicas sossega. Os cientistas honestos, independentes dos poderes políticos, afirmam sem reboço: *“ainda não conhecemos suficientemente o comportamento do vírus”*, *“prevê-se a ocorrência de uma 2ª vaga, mas não sabemos quando nem como”*, *“não é previsível o aparecimento de uma vacina a curto prazo”*, etc. Generaliza-se, portanto, uma sensação de insegurança que nos afeta psicologicamente com reações imprevisíveis de autodefesa individual. Ou seja, sentimo-nos órfãos, abandonados, desamparados, exatamente a situação da qual Jesus quer livrar os discípulos. Mas, não se pode esquecer que, para além da nossa defesa pessoal do vírus, somos parte de uma sociedade que vai (já está) sentir um enorme acréscimo da desigualdade em dignidade e direitos, pelo aumento exponencial do desemprego e da pobreza. Não devemos, portanto, ficar indiferentes, silenciosos, preocupados somente com os nossos problemas. Antes, como coerentes seguidores de Cristo (que O amam) devemos ser sinais do amor de Deus para com todos e em todas as situações. Isto é um desafio que assusta, mas, também, é uma luz de esperança. Porque temos a promessa da presença de um Advogado Consolador que nas trevas nos ilumina e na fraqueza nos faz fortes, o Espírito Santo.

+ Fernando

Bispo Emérito da Igreja Lusitana